

**O DISCURSO LITERÁRIO PERANTE A CONSTRUÇÃO E CRISE
IDENTITÁRIA: SOB A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR E CAIO
FERNANDO ABREU**

Ruan Carlo Fonseca Coelho¹

Resumo: Este trabalho tem como foco a descontinuidade do discurso, ressaltado por Michael Foucault, e como o discurso das minorias na literatura brasileira, foi representado por escritores como Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu, mediante às obras: *Laços de Família* (conto: A Imitação da Rosa) e *A Hora da Estrela* de Lispector e *Os Dragões não conhecem o Paraíso* (conto: A Dama da Noite) de Abreu. Temas como a literatura e a representação do feminino, identidade e alteridade na literatura, o discurso literário e às vozes silenciadas, são focos para este capítulo, o qual ilustrará através de uma das representações artísticas, a literatura, a construção e a desconstrução da identidade de gênero pela linguagem na elaboração dos personagens.

Palavras-chave: discursos literários, escrita feminina, homoerotismo, identidade e crise.

Foucault supõe que:

“em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (1996, p.8-9)

E a produção do discurso literário institucionalizado foi acrescentado em muitas obras por escritores que não se identificam com o fatores sociais que acompanhavam em determinada época. Se o intelectual não se identifica com a pobreza, com as minorias, como por exemplo, os velhos as crianças, as mulheres, os homossexuais- ou melhor, com aqueles que eram e são desprovidos de voz dentro da sociedade brasileira, cuja voz era abafada, enfim, com qualquer grupo que se sinta agredido ou reprimido nas suas aspirações da justiça econômica, social e política, como poderia então representar tais grupos?

¹ Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense/RJ;
Mestrando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense/RJ-
(ruancult@yahoo.com.br).

A literatura, neste artigo, será abordada como arte comprometida com o social e atenta aos códigos estéticos por ela estabelecidos. A singularidade da literatura torna-se plural quando ela mantém uma relação intertextual com representações humanas que aprovam traduções amplas e desmitificadoras. No discurso que vai sendo elaborado, é possível construir e desconstruir identidades, utilizando e transformando conceitos, contrariando a própria existência. O caráter híbrido das identidades aponta novas possibilidades de interpretação dos fatos cotidianos. Esta literatura é comprometida com a desconstrução social do sexo, e os seus personagens criados pelos escritores escolhidos para análise são revestidos por códigos, normas, padrões que performatizam essa transformação.

Este trabalho tem como objetivo verificar o modo com que as obras *Hora da Estrela*, o conto *Imitação da Rosa* em *Laços de Família* de Clarice Lispector e o conto *A Dama da Noite*, tirado da obra: *Os Dragões não conhecem o Paraíso*, de Caio Fernando Abreu, em seus discursos literários, destacaram o caráter híbrido e descentrado das identidades.

Sobre Clarice Lispector, esta retratou as discussões que afetaram a vida pública e privada; as relações entre os gêneros com o ideal de liberdade feminina, enfim, mudanças que balançaram toda uma “base social”, mas principalmente, mexeram com o modo do feminino se ver como sujeito autônomo e com direito à palavra. Clarice pode pela escrita literária questionar padrões acerca de um universo que durante muito tempo ficou à margem dos conceitos masculinos, ou ainda, carregados de estereótipos e “medos”. Conforme Perrot destaca:

“Em uma viagem rápida pela história, podemos analisar como as mulheres e, consequentemente, as relações entre os gêneros, foram imprescindíveis para que elas ficassem esquecidas na história, ou ainda pior, somente lembradas por estereótipos, ora das santas católicas, das honradas mulheres que alcançavam o matrimônio e dedicavam-se integralmente ao lar; ora difundidas como a ação do mal, histéricas e não confiáveis. Enfim, como lembra Michelle Perrot: “é preciso ser piedosa ou escandalosa para existir”. (2007, p.18).

Apesar de desenvolver, na maioria das vezes, personagens femininas, Clarice extrapola os limites da experiência pessoal da mulher e seu ambiente familiar. Os temas tratados por ela são universais e essencialmente humanos. Temáticas como as relações

entre o eu e o outro, a falsidade das relações humanas, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares e, sobretudo da linguagem, são abordadas pela autora intimista e psicológica, mas de forma alguma alienada. Em *a Hora da estrela*, obra que será abordada nesse capítulo, por exemplo, a questão da migrante nordestina em uma cidade grande como o Rio de Janeiro, relações e reflexões existencialistas, a condição e o papel do escritor moderno, entre outras foram abrangidas de forma estilisticamente original e sensível.

Quando se pensa na escrita feminina do século XX, referencia-se Simone de Beauvoir, principalmente no texto em que questiona o que significaria ser mulher. Beauvoir (1967) expressou a ideia básica do feminismo: a desnaturalização do ser mulher. Lembra que o papel e o lugar que a mulher assumiu na história sempre lhe foram impostos pelo poder masculino. Assim, a mulher sempre recebeu o legado de ser o outro do sujeito homem. A escrita, portanto, trouxe a oportunidade de a mulher se expressar e de se “autoconhecer” como sujeito do discurso. Para Beauvoir (1967), a feminilidade não poderia ser vista como algo da natureza da mulher, mas como produto da cultura e da história em que ela está inserida. Com isso inaugura um pensamento de desconstrução acerca do universo feminino.

A escrita literária conduziu-se por uma forte mudança refletida pela alta modernidade. Conforme PAULA (2008):

“A escrita feminina começa a mudar acompanhando as peculiaridades da época. O amor – por vezes exacerbado – deixa de ser o tema absoluto das mulheres, para ceder espaço a sondagens existenciais, ao lúdico, abrindo espaço também, para questionamentos políticos e filosóficos. Tudo isso traduzido e materializado em experiências formais e estilísticas: fragmentação narrativa, intertextualidade, o foco narrativo múltiplo, a exploração dos mitos, do esotérico, a clara opção pela “linguagem do corpo”, “a procura do sentido das coisas”. Por certo, a expressão chave da escrita feminina contemporânea muda, trazendo um novo espaço para o discurso do gênero no Brasil “(2008, p.14).

A escrita feminina procurou por um grande tempo buscar uma identidade. É no descrever dos sentimentos femininos, das suas visões de “verdades” políticas, sociais e culturais, que as mulheres procuravam se apresentar ao mundo como sujeitos aptos a criar e a desvendar um pouco do universo feminino, fosse ele qual fosse.

O conto *Imitação da Rosa*, foi escrito por Clarice Lispector e está incluído no romance *Laços de Família*, uma coletânea de contos que trata das questões que envolvem a família, sua estrutura e principalmente como a inserção da figura da mãe-mulher se encontra e se vê quando mergulhada em seu cotidiano. O livro composto de treze contos pode ser subdividido em três partes: i) os contos *Devaneio e embriagues de uma rapariga*, *Amor*, *A imitação da Rosa*, *Os laços de família*, *Feliz aniversário*, *Preciosidade*, *Mistério em São Cristóvão* e *O búfalo*, onde a figura privilegiada é a da mulher, sendo narrados em terceira pessoa; ii) *Uma galinha*, *A menor mulher do mundo*, *Começos de uma fortuna* e *O crime do professor de matemática*, ainda se enquadram na temática familiar, mas focalizam outros membros, ainda em terceira pessoa; iii) o conto ainda ligado à temática familiar *O Jantar*, narrado em primeira pessoa, conta a angústia de um homem a observar outro em um restaurante. Os contos, em geral, estão estruturados de modo mais ou menos comum: a interrupção da rotina e a volta a ela, traços que podem ser considerados como o seu mais forte elemento organizador. As figuras femininas são representadas pela narradora sem que pareça uma racionalização da expressão. Neste sentido, um dos contos que insurge de forma mais intrigante é o “*Imitação da Rosa*”.

É possível parafrasear este conto, em uma única frase: trata-se de uma mulher em casa que agora voltou, à espera de seu marido, para saírem e jantar com um casal de amigos: Carlota e João. Ainda que com a perda de grande sentido, essa seria a visão mais ampla do todo. Essa mulher, de início anônimo, se mantém em uma espécie de diálogo interno, dizendo a si, o que deverá ser feito na sequência. De fato, a personagem parece, a todo o momento, entoar um mantra que lhe mantém em uma espécie de lucidez, que lhe alavanca a mente, mantendo-a em pleno funcionamento. O conto prossegue, seu mantra, toma mais e mais forma, procurando, sempre que um devaneio a lança longe, restabelecer a ordem primordial. Um movimento de conjunção e disjunção da ordem. O ponto de maior intensidade, o ápice, é quando a personagem, agora chamada Laura, se vê diante de um ramalhete de rosas, o qual pretende dar a amiga Carlota. Ramalhete que a entorpece e desatina de tal modo, despertando uma sequência de pensamentos e ações que culminam com o fim do conto e deixa subentendido a retomada de um estado: “- Voltou, Armando. Voltou.” Ao fim, enigmático, por excelência, tem-se o marido a olhá-la com timidez e respeito e como desfecho a imagem da mulher “alerta e tranquila como num trem. Que já partira”.

A narrativa se constrói em torno da preparação – jamais concretizada – e da espera. Onde ocorre a passagem de um estado inicial sintomático pressuposto que, aparentemente, é retomado ao fim pela imagem da partida, partida para outra Lógica. Laura é uma personagem fora de si ao mesmo tempo em que está em si “ela super-humana e tranquila no seu isolamento brilhante”. Em busca de uma identidade: ora em um trabalho cujo fim é o perceptível fracasso, ora em nítida busca de aceitação dos outros, a alteridade. A narrativa então tenta construir essa identidade, através da situação atual descrita e através das imagens de passado e futuro que surgem no texto. E, de forma autêntica, a autora desenvolverá justamente essa busca.

O universo feminino historicamente vem sendo construído e emoldurado através de relações de dominação e de poder. A personagem Laura aprendeu a conviver com a porta fechada para a felicidade, para o amor e para a vida, mas é possível observar certo quê de mistério no seu comportamento. Na sua suposta insanidade, é consciente de que necessita mascarar a realidade para continuar usufruindo dos privilégios proporcionados pela segurança do lar. Assim é relevante que seja pontuada a importância da dinamicidade das relações de gênero, já que a mulher, mesmo quando oprimida, submissa, pode ser, também, um agente de transformação. Uma das marcas desse conto é a imponência da identidade patriarcal, e como esta reverbera sobre as relações sociais frente às condições privadas do sujeito. Esse patriarcalismo também está conjugado de acordo com o estado de felicidade para a personagem, conforme destacado no conto como “estar bem”. O estado do “bem” para a personagem Laura está de acordo que ela precisa que suas ações se enquadrem e impressionem as ações das pessoas a sua volta. Prescritas pelo social tornam-se mecânicas e artificiais. É um bem em relação ao que outro deseja e sobrepõe em ti. Esse desejo, Clarice Lispector indica categoricamente nesse conto, mostrando como o estado da personagem Laura perpassa pelo seu mundo exterior, o qual está dominado por regras patriarcais.

A figura da rosa é metaforizada, o caráter irônico e contestador presente em A imitação da Rosa deixa entrever o inconformismo de Laura diante da sua condição de sujeito feminino que oscila entre o corpo disciplinado e a tentativa frustrada de encontrar a libertação do corpo. A dominação masculina apresentada no conto A imitação da Rosa testemunha a confirmação do sistema opressor que condena o sujeito feminismo a conviver com a discriminação como se esta fosse um processo natural. As rosas simbolizam o mundo interior e exterior da personagem, conforme Marcus Martins:

“O conto permanece nesse impasse por longo trecho: dar as rosas, aquilo que é finalmente meu, apenas porque tive um impulso? Ou então: não dar as rosas e sair do meu planejamento de impressão, da minha complexa harmonia? Eis a grande questão: entrego-me e mergulho de vez no meu mundo interior, naquilo que sou? Ou continuo a jogar esse jogo complexo e cansativo do mundo exterior que até agora participei única e exclusivamente para agradar os outros, para que eles se recostem com abandono? Eu ou os Outros? Meu ego frágil pede o Outro, mas algo dentro diz que não diz que é esse o meu momento”. (2010, p. 11)

O conto tem como característica a busca da personagem por uma identidade, a qual em seu passado foi configurada pela razão do outro, de outra pessoa. Clarice Lispector vê com muita dificuldade o quão é complicada a relação com o outro, e a Imitação da Rosa, revela-nos dicotomia entre a vida cotidiana e a experiência vital. De acordo com Marcos Martins:

“O que ocorre no conto poderia ser explicado por uma simples dicotomia: de um lado temos nossa vida cotidiana e do outro nossa existência vital. De fato, nossa vida cotidiana é regulada por regras e, principalmente, por ações programáticas, nossa rotina, o que nos é necessário para que não ajamos por instintos e a vida em sociedade seja mais organizada, o mundo exterior. Por outro lado nossa existência vital é pontuada pelos instintos, pelas vontades e necessidades básicas de um corpo, as sensações e sentimentos se encontram nesse lugar cindido e forçado a se esconder, o mundo interior” (ibid., p.13)

A Hora da Estrela foi o último livro publicado em vida. O narrador do romance é Rodrigo S. M, este se coloca como uma das personagens centrais do romance, já que dialoga o tempo todo com o leitor sobre o estilo de sua narrativa. Sua personagem-protagonista é Macabéa, alusão irônica aos setes macabeus, personagens bíblicos. Após a morte de seus pais, quando tinha dois anos de idade, Macabéa foi criada por uma tia beata, de quem muito apanhava. De Alagoas, a protagonista muda-se para o Rio de Janeiro, onde passa a viver com mais quatro colegas de quarto. Trabalhava como datilógrafa, profissão da qual tinha muito orgulho. Era virgem, e nunca, até surgir Olímpio de Jesus, possuía um namorado. Este, também nordestino, procurava a ascensão social. Por não terem a ambição em comum, Macabéa perde-o para sua amiga de trabalho (e única), Glória, a qual possuía os atrativos materiais que ele sonhava.

A busca de identidade da personagem-protagonista processa-se quando ela se observa diante do espelho. A primeira imagem que vê é a do autor, Rodrigo. S.M., majestático e presente em todo o texto, moldando a personagem à sua imagem e solidão. Há também, outras vezes em que Macabéa se olha no espelho. Em uma delas, assim que rompera com Olímpio, ela diante do espelho, passa em seus lábios um batom vermelho como uma busca da identidade desejada: Marilyn Monroe, símbolo social e sexual inculcado pelas superproduções de Hollywood da década de 50.

Por conselho de Glória, Macabéa vai procurar ajuda a uma cartomante, sendo esta a única vez em que se dera conta da vida medíocre que levava. Fora preciso Madame Carlota dizer isso a ela. Reforçando a ideia de “nostalgia do futuro”, a vidente prevê que a vida da nordestina mudaria a partir do momento em que saísse de sua casa. Esta também foi a primeira vez em que Macabéa encorajou-se para ter esperança. Um homem estrangeiro aparecia em sua vida, casaria com ela. Ironicamente, a protagonista sai da casa da cartomante e é atropelada por uma Mercedes Benz. Consolida-se a “hora da estrela” de cinema, quando ela vai ser “tão grande como um cavalo morto”: ferida, a personagem vomita uma “estrela de mil pontas”. Com ela, morre também o narrador, identificado com a escrita do romance, que neste instante se acaba.

Ao relatar o “outro” dentro do gênero feminino, Clarice emprestou a sua voz a um narrador masculino, já que a autora criaria uma história longe de sua realidade, pois nesta obra, a personagem não se assemelha com a vida de Lispector. Clarice retrata, portanto, as sensações e reflexões de um ser diante da mediocridade da existência de outro, despertando no leitor um desgosto pela banalização da vida que é causado pelo choque diante da não reação da personagem nordestina à sua inércia. O leitor compactua assim com as impressões do personagem-jornalista: sua revolta, seus medos e suas vontades. A autora consegue a atenção do leitor para o pequeno romance, que apesar das poucas páginas condensa um conteúdo gigantesco e fantástico.

A alienação e a invisibilidade da personagem, no decorrer da obra, mostrariam a personificação das minorias: “Tudo como é, não como quiséramos. Só existindo e todo. Assim como existe um campo. Assim como as montanhas. Assim como apenas existe”. (LISPECTOR, 1998, p. 28). Desprendida do mundo e de si mesma, ela não tinha memória de passado, nem do presente social que vivia.

Macabéa é relatada como uma pessoa sem valor, sem importância. “Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem,

inócua, não faz falta a ninguém” (Lispector, 1998, p. 13) (...) “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?” (ibid., p.14) (...) “Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de não sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” (ibid., p.27) (...) “Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol” (ibid., p.28).

As pouquíssimas revelações (epifanias) que Macabéa experimenta não lhes são suficientes para a formação de uma identidade. Certa ocasião chorara ao ouvir “*Una furtiva lacrima*”, na interpretação de Caruso, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com certo luxo de alma. Outro dia, em que não fora trabalhar e ficara sozinha no quarto, tinha dançado “num ato de absoluta coragem.” Porém, a descoberta efetiva do próprio ser ocorreria apenas depois do atropelamento.

As duas personagens retratadas por Clarice Lispector: Laura e Macabéa se policiam para encaixar-se em um espaço. Laura sistematiza um modo ou outro sua existência vital, formulando normas para suas emoções, zelando para se encaixar em um espaço. Macabéa é também assim, excluída de um padrão de normalidade, tenta a todo custo se encaixar nisso, com um lema de já que sou, o jeito é ser: não existe o questionamento da existência. A invisibilidade das personagens perpassa pela negação de questionamentos de uma identidade. Não existe um sentido da vida: como mulher, como esposa e como cidadã. Ambas estão neste lugar, onde aparentemente, o fato de existir como pessoa já basta, os anseios e as dúvidas ficam em segundo plano. E estes sujeitos narram como a questão da existência, do ser no mundo, perpassa pelos estereótipos da invisibilidade e da dominação masculina.

É justamente através da linguagem e das representações que construímos uma dada realidade, pois nossos discursos têm como objetivo produzir “efeitos de realidade” e a literatura, como representação artística, assim como outras artes, “não se referem ao mundo”, mas representam sua linguagem e discursos. O discurso da minoria coloca em xeque a construção da identidade em sua representação, e é com o conto de Caio

Fernando Abreu: a *Dama da Noite*, que será ilustrado a produção desse discurso em uma escrita transgressora ao discurso institucionalizado (poder da palavra detido pelas elites intelectuais- detenção que produz a interdição do discurso do outro).

A obra do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu trata muitas vezes de temáticas consideradas polêmicas ou tabus por parte da sociedade em geral. O texto traz em suas configurações o esboço de um monólogo da personagem que nomeia a si mesma como “Dama da noite”, alusão à planta homônima de intensa e, por vezes, incômoda fragrância sentida principalmente à noite. O interlocutor da personagem é um sujeito a quem ela simplesmente se refere como “boy”. Tal personagem é a metonímia de toda uma geração, aquela que cresceu e atingiu a juventude entre o final dos anos 80 e o início deste novo século. O autor, inserido nesse contexto, critica veementemente pensamentos antiquados e anacrônicas de relações entre sujeitos e as relações entre indivíduo e sociedade. O conto *Dama da Noite*, retratado no livro *Os Dragões não conhecem o paraíso* (1988), enfoca uma narrativa transgressora de acordo com trama e os personagens dialogando com traços *Queers* de questionamento das Identidades. O conto é construído como um monólogo, frisando a questão da descentralização do sujeito na sociedade moderna, em que a personagem intitulada como Dama da Noite, é inserida nos limites das normas sociais. E, portanto o clímax do conto é a metáfora da roda gigante como a personagem fora de certos padrões, no entanto, fora da roda:

“Fissura, estou ficando tonta. Essa roda girando girando sem parar. Olha bem: quem roda nela? As mocinhas que querem casar, os mocinhos a fim de grana pra comprar um carro, os executivozinhos a fim de poder e dólares, os casais de saco cheio um do outro, mas segurando umas estar fora da roda é não segurar nenhuma, não querer nada. Feito eu: não seguro picas, não quero ninguém. Nem você. Quero não, boy. Se eu quiser, posso ter. Afinal, trata-se apenas de um cheque a menos no talão, mais barato que um par de sapatos. Mas eu quero mais é aquilo que não posso comprar. Nem é você que eu espero, já te falei” (ABREU, 1988, p.89)

Em seu discurso a personagem manifesta o descontentamento de não poder participar de “uma roda” – um contexto social em que haja interação entre os sujeitos que o compõem – mesmo no universo *underground* em que todos os estereótipos marginalizados se encontram. Por mais que os paradigmas tenham sido rechaçados, os modos de operar identidades estejam cada vez mais multifários e o arrefecimento das coerções sociais possibilitasse a priori o fortalecimento da autonomia individual, o

sujeito tornou-se frágil e esgotado por uma série de “panes” subjetivas (LIPOVETSKY, 2004, p.84), advindas de temores reais e imaginários. Estar fora da roda citada por Dama da noite é nadar contra o fluxo, sob o risco de se transformar num *outsider*, um estrangeiro do seu próprio tempo, indesejado e inadaptado face às razões pelas quais os outros vivem e pagam. A personagem não obtém os códigos, os padrões de comportamento para entrar na roda. Ela não sabe conjugar o mesmo verbo, utilizar as palavras certas para entrar nesse espaço:

“Como se eu estivesse por fora do movimento da vida. A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros. A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda-gigante. Você tem um passe para a roda-gigante, uma senha, um código, sei lá. Você fala qualquer coisa tipo bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora. Aqui parada, sem saber a palavra certa, sem conseguir adivinhar. Olhando de fora, a cara cheia, louca de vontade de estar lá, rodando junto com eles nessa roda idiota tá me entendendo, garotão?” (ABREU, 1988, p.83).

O autor revela traços de homoerotismo que podem ser analisados à luz da teoria *queer*. A literatura de Caio “é marcada pela busca da diferença, pelo lugar da diferença, que é também o lugar da identidade. [...] Sua escrita busca o lugar incomum, invulgar, utilizando mesmo o lugar comum para isto” (SILVA, 2001, p.1). Com base nestas afirmações podemos compreender a obra de Caio como um lugar em que as identidades como elas estão estabelecidas são postas em questionamento. E é nesse conflito que reside o traço que consideramos como *queer* na escrita do autor. Uma escrita com elementos transgressores, conforme bem exemplificado na fala da personagem. Caio em sua narrativa inscreve uma antítese norma/estranho figurando metáforas, tais como a personificação que é explorada por todo o conto. Dama da noite explora com o imaginário da passividade mortal. Caio personifica o vírus do HIV ao perfume venenoso, que o autor metaforiza como a flor carnívora e noturna que entontece.

A fala da personagem é a fala daqueles que perderam o encanto com a vida. A *Dama da Noite* se dirige ao seu interlocutor – que não tem voz – de uma forma irônica. Para ela, “a geração dele é uma geração de ‘zumbis’, fadada a ver o corpo do outro como se fosse uma arma mortal e à qual é negado o toque no corpo alheio sem que este desperte medo e nojo, ao invés de prazer” (BESSA, 2002:123). E essa arma mortal é

personificada pelo autor, pelo vírus da AIDS, que em muitas obras de Caio Fernando Abreu sempre é figurado com um dos elementos que impera em sua identidade. O sujeito com este vírus é colocado fora da roda e é estigmatizado como sujeito não tocável por inúmeras gerações, conforme demonstrados pelo autor como zumbis.

O Cenário da trama é revelado nos entre-lugares, que intensifica a coerência com a narrativa, pois como afirma Antônio Eduardo de Oliveira (2007, p.1): “o espaço urbano com suas tramas tem sido o foco condutor da tessitura da homoafetividade em Caio Fernando Abreu”. Os caminhos que a personagem faz em seu trajeto podem ser considerados como “entrelugares” onde os sujeitos marginais – aqueles excluídos da roda – circulam, e isto podem ser entendidos como uma metáfora para os caminhos pelos quais o vírus da AIDS percorre. Esse lugar sempre entre duas ideologias conflitantes, em que há uma tensão permanente, onde os sujeitos lutam para se impor como sujeitos autônomos, que não seguem uma ideologia nem outra, ou mesmo uma mistura das duas, mas que professam a sua própria ideologia.

Ambiguidade e metáfora são trilhadas para enfatizar a complexidade das identidades abordadas pelo autor. Conforme Maciel: “Converte-se a doença em metáfora para a condição doentia da vida desnaturalizada do sujeito na metrópole, na qual o estilhamento, e também o embaralhamento, das identidades [...] [são] o cerne da questão” (MACIEL, 2006, p.34).

“Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o fundo de seu jardim pestilento. Eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, contaminar teu sangue com todos os vírus” (ABREU, 1988, p.87).

Para a constituição de sua identidade, Caio, em seu texto, sublinha a necessidade de um outro para a sua completude. Essa outra parte ainda não passa de um sonho, ou de uma ilusão, e por isso a Dama da Noite em meio a “sua loucura”, procura o Verdadeiro Amor. Abreu “mostra nas subjetividades destroçadas das personagens o resultado que a falta do outro, o amado, faz na definição de si mesmo” (MACIEL, 2006:34).

“Aquele um vai entrar um dia talvez por essa mesma porta, sem avisar. Diferente dessa gente toda vestida de preto, com cabelo arrepiadinho. Se quiser eu piro, e

imagino ele de capa de gabardine, chapéu molhado, barba de dois dias, cigarro no canto da boca, bem noir. Mas isso é filme, ele não. Ele é de um jeito que ainda não sei, porque nem vi. Vai olhar direto para mim. Ele vai sentar na minha mesa, me olhar no olho, pegar na minha mão, encostar seu joelho quente na minha coxa fria e dizer: vem comigo. É por ele que eu venho aqui, boy, quase toda noite. Não por você, por outros como você. Pra ele, me guardo. Ria de mim, mas estou aqui parada, bêbada, pateta e ridícula, só porque no meio desse lixo todo procuro O Verdadeiro Amor”. (ABREU, 1988, p.89)

Concluem-se dessas observações que um dos elementos essenciais à leitura dos textos de Caio é o confronto que ele estabelece com as ideologias dominantes e o questionamento dos modelos estabelecidos, que permitem uma reflexão crítica sobre o lugar do sujeito na sociedade atual.

As obras referenciadas neste trabalho sublinham as questões de gêneros, que constroem muitas tramas e personagens da Literatura Brasileira do século XX, “colocando em cheque” alguns paradigmas naturalizados pelo próprio discurso literário e pelo próprio binarismo hegemônico da sexualidade.

Referências Bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. *Dama da noite*. In: *Os dragões não conhecem o paraíso*. Ed. Schwarcz Ltda. São Paulo/1988

BEAUVOUR, Simone. *Segundo Sexo*; tradução Sérgio Milliet. – 2 ed. – São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967

BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 1 edição.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACIEL, Jessé dos Santos. “*Momentos do homoerotismo. A atualidade: homocultura e escrita pósidentitária*”. In: *Terra roxa e outras terras: revista de estudo literários*. Londrina: 2006. p. 26-38.

MARTINS, Marcus. V.M. *A Imitação do Silêncio: um ensaio sobre o conto “A Imitação da Rosa” de Clarice Lispector*. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 3 - Edição 4. São Paulo: 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarola, 2004.

OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. *Cartografias homoafetivas na espacialidade da urbe: percursos na obra de Caio Fernando Abreu*. 2007.

PAULA, Dahiana Messias. *Clarice Lispector: Entre G.H e Macabéa, uma representação dos sentimentos femininos na segunda metade do século XX*. In: Monografias- Universidade Tuiuti do Paraná- História. 2008

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007

SILVA, Antônio Marcos Moreira da. *O lugar incomum no livro Morangos mofados de Caio Fernando Abreu*. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2001